

## TOCA O BONDE, ANA

Branca Maria de Paula

Depois que Aristides morreu, fiquei sozinha nesta terra. Sozinha de tudo. Nunca plantei filho neste mundo maluco.

Mas outro dia plantei uma árvore. Era uma semente aveludada, redonda, a coisa mais bonita que já vi. Comi o abacate e joguei o resto no lixo. Aí fiquei com aquilo na cabeça:

«Que coisa feia você fez, Ana. Jogar fora uma preciosidade destas. Então não sabe que o abacate é uma espécie em extinção? É como se... como se você tirasse a comida da boca de seus filhos.»

Mas eu nunca tive filhos, caramba.

«A comida da boca dos pobres, então. Planta uma árvore, Ana, planta e serás recompensada.»

Então peguei uma tigelinha velha e enchi de terra. Terra boa, do lote aqui do lado. Todo dia nosso prédio despeja o lixo lá. Quem passa também coopera do jeito que pode. E o resultado é esta terra suculenta, excelente para quem gosta de adubo natural.

Pus meu abacateiro atrás do tanque onde guardo garrafa, badulaques, coisas que quase nunca nem uso. Mas eu estava tão empolgada com a novela «Pai-Herói», tão revoltada com o cinismo do César, tão preocupada com a perna da Carina e com tanta pena do André, que esqueci minha árvore. Como se eu não me preocupasse com o futuro da humanidade.

Até que a dona Antonieta, minha vizinha, pediu uns cascos emprestados para a festa da coca-cola... uns cascos de coca-cola para a festa da Marilu, filha dela, é o que eu queria dizer, tem hora que confundo, falo tudo às avessas. Quando olhei atrás do tanque, quase tive um ataque daqueles que a Filhinha que mora ali em cima, a Filhinha dá, de vez em quando. Quase desmaiei de alegria. Uma alegria de quem nada espera e de repente ganha uma cesta de flores de uma pessoa que ela desprezou ou maltratou.

Mal tratou. Foi o que eu fiz com a sementinha. Um tapa macio no tundá, um tapa de luva, e a Ana foi parar nas nuvens. A sábia natureza se vingava sabiamente do meu egoísmo. Tomei a tigelinha entre as mãos um pouco arrependida do meu alvoroço em volta do Pai-Herói, um pouco engasgada. Chorar de verdade só quando morreu o Aristides. E agora, por causa do Evaristo...

Meu abacateiro tá bonito. Passou a altura do tanque. Daqui a alguns dias vai ver tem abacate e a Ana vai sair de casa em casa, quero dizer de apartamento em apartamento, perguntando quem gosta, como eu fiz no caso do Evaristo. Quer dizer, eu não perguntei de porta em porta quem gostava do Evaristo que eu não estou aqui pra ouvir desaforo, mas indagando se alguém tinha visto ele na sacadinha da frente, tomando sol.

Mas abacateiro não fala. Não, não é boa companhia. Planta é só pra quem tem mania de teatro. Você representa, faz e acontece, ela assiste, fica verde e cresce. Tudo caladinha. Mas você escuta, você sente a planta respirar?

«Não, Ana, você não escuta. E isso te faz sentir mais ainda a falta do Evaristo».

O Evaristo era um falador. A gente se divertia. Dona Antonieta vinha, a gente bem conversando e ele metia a colher de pau no meio. Cada palpite, cada asneira... Só conversa atrapalhada. E o tanto que ele mexia com as empregadas do prédio. Não havia uma que não conhecesse o Evaristo.

Já o Aristides ninguém sabia que ele existia. Sizudo. Caladão. Quando ele morreu, acho que ninguém notou. Partiu desta pra não sei onde. Deus me livre e guarde, pensei: Ana, chegou a sua vez. A próxima é você.

Deitei na cama e fiquei esperando. Não aconteceu nada. Fiquei fiquei, depois disse: Ana, antes ele do que você. Deixa de frescura, mulher. Levanta e toca o bonde.

Não é que toquei o bonde?



Mas quando eu desligava a televisão, meu coração batia sozinho. Era um puto coração fazendo uma puta confusão no meu ouvido. Não tinha viv'alma no meu poleiro. Nenhum ser vivo. Só eu respirava dentro de casa.

Pensava nisso enquanto cozinhava. Fazia meia xícara de arroz. Meio tomate, duas folhas de alface, um ovo ou um bife deste tamaninho. Um punhadinho de feijão... e já perdia a fome.

«Mas Ana, você tem que comer. Tem que receber sua pensão. Entrar naquela fila, depois na outra, depois naquela outra. Se você não comer, como é que vai ser? Como é que vai pegar ônibus? Come, Ana, come».

Eu engolia a comida e limpava a casa. Punha o anjinho da penteadeira com os braços abertos para o lado da janela, as costas voltadas pro armário. Se eu não fosse lá e virasse o anjinho pra cá, ninguém, mas ninguém mesmo desvirava o coitadinho. Se eu não atrapalhasse a sala, ninguém atrapalhava. Nunca. Era isso que me incomodava.

Pensei então em arranjar um cachorro. Um cachorro é um animal ruidoso e comilão. Agita o rabo, agita a casa. E acompanha o dono e espera a sua vez. Meu companheiro, diria, afagando sua cabeça.

Mas aí tem o cheiro. Aquele cheiro de cão. Porque tanto ele come quanto caga e mijá dentro do apartamento. E eu nunca tive filho... Não, não, cachorro não dá.

Um gato, talvez. Um gato respira feito gente. Gente que sofre do peito, uma pessoa doente, é verdade, mas não tem o hálito forte do cão. E é mais moderado no comer. Mais silencioso. Uma presença discreta.

É. Arranjo uma caixinha de areia para as suas necessidades. Punha lá onde cresce agora o abacateiro e estava resolvido o problema da sujeira.

Ele esticaria o corpo, o pêlo eriçado roçando minha pele. Eu, minha alma doméstica em sintonia com sua alma doméstica, a esfregar coisas de mulher. A dobrar coisas de mulher. A lavar, a enxugar.

A enxugar o olho.

E depois do jantar, quando eu me sentasse no sofá de curvim, por causa daquela mola besta que apareceu do meu lado e espeta minha bunda, eu me acomodaria no lugar do Aristides, o gato dormindo manso no meu colo: calor na minha barriga, calor...

Aliso o pêlo do gato. Aliso.

Então meu nariz começa a escorrer só de pensar. Espirro. O gato estremece e salta do meu colo. Não sonho mais. Tenho alergia a animais peludos. Menos ao Aristides, o homem mais cabeludo que já conheci. Uma fita de cabelo subia pelo seu ombro

e descia pelas costas, bem escura, até se esfiapar embaixo. Eu gostava daqueles pelinhos. Também, o que adianta. Envelheci. Quem não morre, fatalmente envelhece. Achei que o Aristides fosse envelhecer comigo.

Mas e o Evaristo, gente, onde se meteu?

Estou sozinha, como da outra vez.

Encontrei o Evaristo quando desisti de criar os porquinhos da índia. Desisti por causa das horríveis doenças que eles transmitem com ar inocente. Até meningite, saiu nos jornais. Chego a ter arrepios de pensar.

Encontrei o Evaristo quando o casal de periquitos que eu namorava foi ficando pequeno pequeno, até virar uma bolinha de gude na minha cabeça, e vi que não iam resolver o meu problema. Justamente quando fui ao mercado dizer ao seu Getúlio que agradecia sua boa vontade, mas tinha pensado melhor e ele podia passar pra frente os bichinhos, justamente aí, seu Getúlio resolveu meu caso. Serei eternamente grata àquele homem enrugadinho. Quando ele morrer, se ele morrer antes de mim, faço questão de mandar-lhe uma coroa com meus eternos e sinceros agradecimentos. Porque durante o tempo que o Evaristo esteve em minha companhia ele só me deu alegria. Nunca tive motivo de queixa. Era fácil tratar dele. Comida, por exemplo. Um prato de angu e estava resolvida a questão. Podia não ter verdura, mas angu tinha de ter.

Uma única vez fiquei brava com ele. Foi quando a televisão da dona Antonieta estava no conserto. Eu não tinha nenhuma intimidade com ela, aliás não tenho, aliás foi a primeira vez que ela botou os pés no meu apartamento apesar d'eu morar aqui há anos, era só cumprimentar e pronto, o Evaristo dispara a falar bobagem e não adiantou cara feia. Tive vontade de torcer o pescoço dele. Numa daquelas cenas emocionantes, na hora que o André agarrou a Carina e não sei mais o quê, o Evaristo começou a maior torcida. Dona Antonieta ficou vermelha feito tomate. Depois disso, se acostumou com o Evaristo. Quando ele desapareceu, por sinal, me ajudou a procurar por todo canto. E até hoje não se conforma.

Podem ter matado o Evaristo. Assassinos. Chego a arrepiar quando imagino. Podem ter depenado o Evaristo sem dó. Ah se eu fosse... se eu fosse polícia. Se eu fosse polícia, ladrão comigo andava afiado.

Ou simplesmente raptaram o pobrezinho. Pura maldade. Enfiaram numa caixa e jogaram pelo morro abaixo o meu Evaristo.

Ou amarraram uma pedra em seu pescoço e zás-traz, no rio. Adeus, Evaristo, adeus.

«Que isso, Ana, chega de pensamentos negativos.»

Quem sabe ele fugiu. Voltou para...

«Não, isso não é possível. Seja sensata, Ana. Ele não ia parar em Sabará assim, sem mais nem menos. Ele pode ter saído. Saído.»

E não voltou até hoje.

Não voltou. As coisas acontecem quando a gente menos espera. Cheguei do Jumbo, abri a porta e chamei: Evaristo, Evaristo? Sabe o que eu trouxe?

Ele não ia adivinhar que era caqui. Aprendeu comigo a gostar de caqui. É uma fruta que descobri devagar. Primeiro engoli sem prestar atenção. Depois descobri o sabor. E então, o doce.

Como aconteceu quando conheci o Aristides. Um dia me dei conta de que não podia passar sem ele. Tive que aprender a passar sem ele. Parece caqui verde atravessado na garganta.

E agora, o Evaristo.

Vou ao mercado chorar as mágoas com seu Getúlio. Ele tem sempre a palavra certa.

Não há de ser nada, dona Ana — ele diz, e eu sabia que ele ia falar assim, ou parecido —, a gente resolve esse probleminha, na maior tranquilidade. Não precisa ficar aflita desse jeito. Vira e mexe aparece...

Não, seu Getúlio, não. Nunca mais. Foi a primeira e última vez. Igual o Evaristo não existe outro. Ele era tão alegre, tão prosa, tão engraçado... Um companheiro de fazer inveja. Não é questão de dinheiro. Sinceramente. Papagaio igual aquele não existe neste mundo.

E eu ia continuar falando, quando o seu Getúlio me interrompeu:

Nem se discute, dona Ana, nem se discute. Mas quem sabe agora a senhora arranja um mico. O jeito é tocar o bonde.

E é mesmo.

Voltei pra casa pensando no que o seu Getúlio falou.

Um mico, sinceramente...